

## ITINERÁRIOS PEDAGÓGICOS E CIVILIDADE CRISTÃ NA LITERATURA DIDÁTICA FEMININA EM PORTUGAL (SÉCULOS XVIII-XIX)

PAULA ALMEIDA MENDES

BOLSEIRA DE DOUTORAMENTO DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

INVESTIGADORA DO CITCEM

paula\_almeida@sapo.pt

**RESUMO:** Em Portugal, no século XVIII, a par de obras que, explicitamente, propõem programas pedagógicos direccionados para a educação feminina, vai surgindo um outro tipo de textos, também de cariz pedagógico e didáctico, que, para além de poderem também privilegiar o ensino de diversas áreas do saber (e não apenas um programa no sentido estrito do termo), recomendam e prescrevem, simultaneamente, normas de comportamento e ensinamentos morais, inscrevendo-se assim no filão da denominada literatura de comportamento social. Neste estudo analisamos duas obras direccionadas para a educação feminina, a saber, *Thesouro de Meninas, ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas* (1774), de Madame Leprince de Beaumont, e *Thesouro de Meninas, ou Lições d'uma mãe a sua filha, à cerca dos bons costumes e da religião, autorizadas com admiraveis exemplos de virtude e de piedade* (1852), de José Inácio Roquette, tentando realçar os públicos e as áreas do saber privilegiadas e o(s) modelo(s) educativos veiculados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Séculos XVIII e XIX, Educação feminina, Obras pedagógico-didáticas

**ABSTRACT:** In Portugal, in the eighteenth century, along with works that explicitly offer educational programs targeted to the education of women, will emerge a different kind of texts, also pedagogical and didactic in nature, that, in addition they can also focus on teaching various areas of knowledge (not just one program in the strict sense), recommend and prescribe both behavioral norms and moral teachings. This fits the seam of literature known as social behavior. This study

analyzed two works directed to the education of women, namely *Thesouro de Meninas, ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discípulas* (1774), of Madame Leprince de Beaumont, and *Thesouro de Meninas, ou Lições d'uma mãe a sua filha, à cerca dos bons costumes e da religião, autorizadas com admiraveis exemplos de virtude e de piedade* (1852), of José Inácio Roquette, trying to highlight the public, the areas of knowledge and insider (s) model (s) educational run.

**KEY-WORDS:** XVIII-XIX Centuries, Education of women, Pedagogical and didactic literature

1. Desde que Platão, no seu diálogo *A República*, levantou a questão da possibilidade da educação da mulher para as artes e para a guerra, em que conclui que «as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as actividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem»<sup>1</sup>, não deixaram outros autores de retomar esta temática. Entre eles, podemos citar os casos de Xenofonte (*Oeconomicus*), Plutarco (*Moralia*) e Aristóteles (*Política*), que, mais tarde, seriam as fontes mais autorizadas e abundantes, nas quais se apoiaram as opiniões dos humanistas.

Em Portugal, e já no século XVI, conhecemos apenas dois autores, muito próximos dos círculos humanistas femininos, principalmente ao nível da corte, que escreveram sobre esta temática: João de Barros, que publica, em 1540, o *Espelho de Casados*, e Rui Gonçalves, que edita, em 1557, a obra *Privilégios e prerrogativas que o género feminino tem por direito comum e ordenações do reino mais que o género masculino*, dedicada à rainha D. Catarina<sup>2</sup>.

Ideologicamente influenciado pela célebre obra *Institutio Foeminae Christianae* de Vives, editada em 1524 e dedicada à rainha Catarina de Aragão, Francisco de Monzon, pedagogo espanhol na corte de D. João III, escreve o *Libro Primero del Espejo dela Princesa Christiana*, tornando-se assim, na opinião de Álvaro Terreiro, o primeiro autor a tentar escrever um compêndio sistemático da educação da mulher em Portugal<sup>3</sup>. Dedicado à rainha D. Catarina, o *Libro*

<sup>1</sup> PLATÃO (2001) — *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª edição. Lisboa: FCG, Livro V, p. 220.

<sup>2</sup> Sobre esta obra, cf. FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2000) — *Literatura moral e discursos jurídicos: em torno dos «privilégios» femininos no século XVI em Portugal*. «Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas». Porto, XVII, p. 403-418.

<sup>3</sup> TERREIRO, Álvaro (1976) — *A Educação da Mulher em Luis Vives e Francisco Monçon*. Separata da revista «Brotéria», 28. Veja-se, a propósito, FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1993) — Francisco de Monçon e a «princesa cristã». «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas». Anexo V – *Espiritualidade e Corte em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto, p. 109-121, e SILVA, José Manuel Marques da (1997) — *O «Libro Primero del Espejo dela Princesa Christiana» de Francisco de Monzón*. Dissertação de mestrado em História da Cultura da Época Moderna. Porto: Edição do Autor, 2 vols.

*Primero del Espejo dela Princesa Christiana* foi escrito por ocasião do casamento da infanta D. Maria Manuela com o futuro Filipe II de Espanha, em 1543, e tinha como objectivo apresentar à jovem princesa e futura rainha um «espelho» das virtudes exigidas à sua condição. Assim, a obra traça o retrato da mulher virtuosa e torna explícitas as práticas, os interditos e as representações relativos ao universo feminino do século XVI, dentro de um quadro ideológico pautado por uma ordem moral reforçada pelos valores contra-reformistas<sup>4</sup>.

Apesar de o século XVII português ser particularmente «pobre» no sector da literatura pedagógica, é importante não esquecer que, nesta centúria, o jesuíta Alexandre de Gusmão, pretendendo intervir na modificação da realidade formativa do seu tempo e, especialmente, na alteração dos hábitos da acção educativa sobre a infância, edita, em 1685, o tratado *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*<sup>5</sup>. Nas últimas páginas desta obra, destinadas a fornecer algumas recomendações sobre a educação feminina, Alexandre de Gusmão deixa-nos, de certo modo, «perplexos»: se, por um lado, insiste na ideia tradicional do recolhimento doméstico austero, desde a infância, por outro acha conveniente que as meninas sejam educadas como os rapazes no que respeita às «artes liberais», entendendo ser louvável «ensinar as boas artes às filhas desde meninas» a leitura e a escrita, pelo menos, deveriam ser ensinadas a todas, assim como alguns princípios do latim às que se destinassem a religiosas<sup>6</sup>. A ousadia das suas propostas ficaria, contudo, por aqui. Mas, dois anos mais tarde, um outro religioso, num outro país, abordaria o tema com outra desenvoltura. Com efeito, em França, a educação feminina foi o motivo que conduziu François de Salignac de La Mothe-Fénelon a escrever e a publicar a obra *De l'éducation des filles*<sup>7</sup>. Para o arcebispo de Cambrai, o facto de as mulheres serem metade do género humano e de terem ocupações de grande responsabilidade, porque delas

<sup>4</sup> O *Libro Primero del Espejo dela Princesa Christiana*, assim como outras obras de carácter também normativo, deve ser perspectivado no contexto mais vasto de toda uma literatura que, nomeadamente no contexto da Contra-reforma, acentua a necessidade de modelos e de «sistemas de exemplaridade», patente na multiplicação de manuais de confesores, «espelhos» de perfeição cristã, do perfeito cortesão, do perfeito médico, do perfeito casamento, os quais, reflectindo mecanismos de interiorização e de reprodução de condutas sociais, se inscrevem no processo de civilização delineado por Norbert Elias.

<sup>5</sup> Veja-se, a propósito, FERNANDES, Rogério (1992) — *O pensamento pedagógico em Portugal*. Lisboa: ICALP, p. 35-40, e FERREIRA, António Gomes (1988) — *Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke*. «Revista portuguesa de pedagogia», Ano XXII, p. 267-291.

<sup>6</sup> A título de curiosidade, permitimo-nos assinalar que, cerca de cem anos antes da publicação desta obra, Santa Teresa de Jesus não incitava as religiosas da sua ordem a aprenderem latim: «Antes que me esqueça: vinha muito boa a [carta] do padre Mariano se não trouxesse aquele latim. Nunca mais lhe aconteça nem o consinta. Muito mais quero que presumam de simplicidade, o que é próprio de santas, do que de tantas retóricas». (*Carta à M. Maria de S. José, de 19 de Novembro de 1576*. In JESUS, Santa Teresa de (s. d.) — *Obras Completas*. Trad. de Vasco Dias Ribeiro, O.C.D. Edições Carmelo, p. 1303).

<sup>7</sup> Seguimos a seguinte edição: FÉNELON (1882) — *De l'éducation des filles*. Texte collationné sur l'édition de 1687 avec une introduction et des notes pédagogiques et explicatives à l'usage des institutrices et des instituteurs par Charles Defodon. Troisième édition. Paris: Librairie Hachette.

dependia a administração doméstica, a harmonia conjugal e a educação dos filhos<sup>8</sup>, eram motivos de sobeja importância para se educar cuidadosamente as raparigas. Preceptor do duque de Borgonha, neto de Luís XIV, Fénelon criticava a educação feminina permitida na época e propunha outras práticas<sup>9</sup>.

Ainda em finais de Seiscentos, conhecer-se-ia uma outra importante contribuição para o conhecimento pedagógico infantil: os *Some thoughts concerning education* (1693), de John Locke<sup>10</sup>. Nesta obra, o autor procurou desenvolver os três aspectos essenciais da formação humana: a educação física, a educação moral e a educação intelectual. Ainda no campo da pedagogia, surigiria, em 1726, o *Traité des études*, de Charles Rollin<sup>11</sup>.

Já em Setecentos, a temática da educação feminina seria abordada nas obras de dois autores portugueses: no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), de Luís António Verney<sup>12</sup>, muito próximo das ideias pedagógicas e das práticas educativas defendidas por Fénelon e Rollin<sup>13</sup> e, na opinião de António Salgado Júnior, a primeira obra portuguesa que ambicionou propor um sistema de pedagogia completo<sup>14</sup>, e as *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1750), de António Nunes Ribeiro Sanches<sup>15</sup>, mais inclinadas para as questões de organização do sistema escolar do que para as de ordem pedagógica, inserindo o seu projecto de reforma em algumas das disposições já iniciadas pelo marquês de Pombal<sup>16</sup>.

<sup>8</sup> FÉNELON — *Op. cit.*, p. 1-7, 105.

<sup>9</sup> Por este motivo, foi repreendido pela Santa Sé.

<sup>10</sup> Seguimos a seguinte edição: LOCKE, John (1996) — *Quelques pensées sur l'éducation*. Trad. de G. Compayré; introduction et notes de J. Chateau. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. A redacção dos *Some thoughts concerning education* foi feita a partir de cartas sobre questões educativas que John Locke enviou ao seu amigo Edward Clarke e teve como objectivo a formação do *gentleman*. Cf. GARIN, Eugénio — *Op. cit.*, p. 223-227.

<sup>11</sup> Seguimos a edição: ROLLIN, Charles (1854) — *Traité des études*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 3 vols.

<sup>12</sup> Utilizamos a edição: VERNEY, Luís António (1953) — *Verdadeiro Método de Estudar*. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, vol. V, p. 123-150.

<sup>13</sup> As áreas privilegiadas por Verney, no contexto da educação feminina, são a Gramática Portuguesa, Aritmética, História Universal, Espanhol, economia e contabilidade doméstica, trabalhos de agulha, canto e música, dança e boas maneiras; poder-se-ia também ensinar um pouco de Latim às «pessoas civis e nobres».

<sup>14</sup> Cf. VERNEY, Luís António — *Op. cit.*, vol. 1, XVI.

<sup>15</sup> Utilizamos a edição: SANCHES, António Nunes Ribeiro (1922) — *Cartas sobre a Educação da Mocidade*. Pref. de Maximiano de Lemos. Coimbra: Imprensa da Universidade. Ribeiro Sanches já havia aludido a esta questão numa carta, datada de 1754, estudada por PINA, Luis de (1960), em *Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII*. «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», vol. I, p. 41-46. Para Ribeiro Sanches, a educação religiosa, a Geografia, a História profana e religiosa, o Desenho, o bordado, a pintura e a estofagem seriam as áreas essenciais dos estudos femininos.

<sup>16</sup> Ainda que não se debruçando sobre a problemática da educação feminina, é importante relembrar que, em 1734, Martinho de Mendonça Pina e Proença dá à estampa uma importante obra, intitulada *Apontamentos para a educação de hum menino nobre*, para servir de modelo à educação dos filhos da nobreza portuguesa, perfilhando, sobretudo, as ideias de John Locke, mas reflectindo também a influência de Fénelon e de Rollin. Nos *Apontamentos*, Martinho de Mendonça delinea um projecto de educação que tem como objectivo atender aos desígnios especiais de um grupo de elite, que pretendia diferenciar-se pelos seus modos e comportamentos. Deste modo, o domínio das paixões, o uso da razão, o culto das virtudes, os modos polidos, a

Contudo, é importante notar que, no século XVIII, a par destas obras que, explicitamente, propõem programas pedagógicos direcionados para a educação feminina, vai surgindo um outro tipo de textos, também de cariz pedagógico e didático, que, para além de poderem também privilegiar o ensino de diversas áreas do saber (e não apenas um programa no sentido estrito do termo), recomendam e prescrevem, simultaneamente, normas de comportamento e ensinamentos morais, inscrevendo-se assim no filão da denominada literatura de comportamento social<sup>17</sup>.

De facto, a partir da segunda metade do século XVIII, refletindo, simultaneamente, a influência francesa (de resto, assaz natural, dada a preponderância desta cultura nos setores artísticos), de uma literatura, permita-se-nos a expressão, de «uso feminino», de cariz essencialmente pedagógico e moralizante, que conta entre as suas principais representantes, para além de Madame Leprince de Beaumont, Madame de Lambert<sup>18</sup>, Madame d'Épinay<sup>19</sup>, Madame de Genlis<sup>20</sup>, Madame Campan<sup>21</sup> ou Madame de

---

harmonia no trato, constituiriam tópicos fundamentais para a elaboração do modelo de fidalgo proposto por Martinho de Mendonça. Veja-se GOMES, Joaquim Ferreira (1964) — *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica. Com a edição crítica dos «Apontamentos para a educação de hum menino nobre»*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

<sup>17</sup> É importante não esquecer a amplitude desta denominação, como já fez notar Zulmira C. SANTOS (2004): «A vastíssima tratadística que geralmente se abriga sob a denominação literatura de comportamento social revela-se, como é sabido, um filão textual composto, onde cabem escritos de vária natureza que podem estender-se das obras mais amplas sobre padrões de conduta mais exclusivos da corte, propondo modelos de príncipe, de validos ou de cortesãos, a escritos de cariz mais didático-moral, e até tratadinhos que privilegiam as artes da conversação, as formas de vestir ou as boas maneiras à mesa». (cf. *Lei «política», lei «cristã»: as formas da conciliação em Academia nos montes, e conversações de homens nobres (1642) de Manuel Monteiro de Campos*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», nº 1, 307). O primeiro arrolamento de manuais de comportamento social publicados em Portugal foi levado a cabo por LEAL, Ivone (1995) — *Bibliographie des Traités de Savoir-Vivre Portugais*. In *Bibliographie des Traités de Savoir-Vivre en Europe du Moyen Âge à nos jours*. Vol. II: *Italie-Espagne-Portugal-Roumanie-Norvège-Pays Tchèque et Slovaquie-Pologne* (sous la direction d'Alain MONTANDON). Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal / Association des publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, p. 195-232.

<sup>18</sup> Anne-Thérèse de Marguenat de Courcelles, conhecida como Madame de Lambert, em virtude do seu casamento com Henri de Lambert, marquês de Saint-Bris, nasceu em Paris, em 1647, e aí faleceu, em 1733. Preocupada com as questões relacionadas com a educação, escreveu *Avis d'une mère à son fils* (1726) e *Avis d'une mère à sa fille* (1728), onde revela, claramente, a influência recebida através da leitura de *Les Aventures de Télémaque* e de *De l'éducation des filles*, de Fénelon.

<sup>19</sup> Louise Florence Pétronille Tardieu d'Esclavelles d'Épinay nasceu em Valenciennes, em 1726, e faleceu em 1783. A sua obra, constituída fundamentalmente por ensaios, caracteriza-se pelo seu didacticismo moral. Colaborou na *Correspondence Littéraire*, dirigida por F. M. von Grimm. Das suas obras, salientam-se *Lettres à mon fils* (1758) e *Les Conservations d'Émilie* (1774).

<sup>20</sup> Stéphanie-Félicité Ducrest de Saint-Aubin, condessa de Genlis, nasceu em 1746 e faleceu em 1830. Foi preceptora dos filhos da família de Orléans. De entre a sua vasta produção literária, destacamos: *Théâtre d'éducation* (4 vols., 1789-1780), *Annales de la vertu ou Cours d'Histoire à l'usage des jeunes personnes* (2 vols., 1781) e *Adèle et Théodore, ou lettres sur l'éducation, contenant tous les principes relatifs aux trois plans d'éducation des Princes, des Jeunes personnes, et des Hommes* (3 vols., 1782). Veja-se, a propósito, BESSIRE, François et REID, Martine (sous la direction de) (2008) — *Madame de Genlis. Littérature et éducation*. Publications des Universités de Rouen et du Havre.

<sup>21</sup> Jeanne-Louise-Henriette Genet, conhecida como Madame Campan, nasceu em 1752 e faleceu em 1822. Foi

Renneville<sup>22</sup>. Na sua sequência, a partir da segunda metade do século XVIII, vão sendo publicadas em Portugal várias obras direcionadas para as meninas, entre as quais se contam *Thesouro de Meninas, ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discípulas* (1774)<sup>23</sup>, *Thesouro de adultas, ou Dialogos entre uma sabia mestra e suas discípulas*, ambas de Madame Leprince de Beaumont e traduzidas pelo padre Joaquim Inácio de Frias (1795)<sup>24</sup>, *Legado de um Pai a suas Filhas*, de autor desconhecido e traduzido do francês (1806)<sup>25</sup>, *Lições de um Pai a uma Filha sua na primeira idade* (1813), de Roque Ferreira Lobo<sup>26</sup>, *Thesouro de Meninas, ou Lições d'uma mãe a sua filha, à cerca dos bons costumes e da religião, autorizadas com admiráveis exemplos de virtude e de piedade* (1852), de José Inácio Roquette<sup>27</sup> e *Dialogos entre uma avó e sua neta para uso das crianças dos cinco anos aos dez anos* (1862), de Matilde de Sant'Ana e Vasconcelos Moniz Bettencourt<sup>28</sup>. A partir deste pequeno *corpus*, inscrito no amplo filão literário da literatura de comportamento social, tendente à formação de códigos de comportamento e à transmissão de saberes e que assume formas textuais diversas, escolhemos como objeto para o nosso estudo as obras *Thesouro de Meninas, ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discípulas*, de Madame Leprince de Beaumont, e *Thesouro de Meninas, ou Lições d'uma mãe a sua filha, à cerca dos bons costumes e da religião*, de José Inácio Roquette, pois parece-nos que o interesse do seu estudo, no contexto da abordagem da educação feminina, justifica-se por vários motivos, entre os quais sobressaem algumas das características e objetivos das mesmas. É neste sentido que somos levados a crer que o aparecimento desta literatura destinada a um público feminino deve-se à crescente importância que a problemática em torno da educação feminina, decorrente de uma maior atenção e da valorização da educação em geral, que veio a par com a valorização da família e do núcleo conjugal, sublinhada pelos humanistas, pedagogos e moralistas, foi merecendo

---

preceptora das filhas de Luís XV. É autora do tratado *De l'éducation des femmes* (1824).

<sup>22</sup> Sophie de Senneterre, conhecida como Madame de Renneville, nasceu em 1772 e faleceu em 1822. Foi autora de uma vastíssima produção literária, da qual fazem parte obras como *Galerie des femmes vertueuses, ou Leçons de morale, à l'usage des demoiselles* (1808), *Correspondence de deux petites filles: ouvrage propre à former de bonne heure les enfants au style épistolaire* (1811), *Conversations d'une petite fille; suivies de l'Histoire de la poupée* (1813), *Éducation par l'histoire, ou école des jeunes gens: contenant des modèles de toutes les vertus du premier ordre, pris parmi les français de différentes classes; extraits des ouvrages de Rollin, Bossuet, Fénelon, l'abbé Barthélemy, et autres auteurs célèbres* (1820) e *Éducation de la poupée, ou Petits dialogues instructifs et moraux, à la portée du jeune âge* (1822).

<sup>23</sup> Lisboa: Regia Officina Typografica, 2 tomos.

<sup>24</sup> Lisboa, 4 tomos. Reeditado em 1818.

<sup>25</sup> Lisboa: Impressão Régia. Reeditado em 1824 e 1825.

<sup>26</sup> Primeira e segunda parte, Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. A obra, que é um compêndio, em verso, de História sagrada, é dedicada a D. Carlota Joaquina e, segundo o seu autor, foi lida pela princesa D. Maria Teresa, filha da dedicatória.

<sup>27</sup> Paris: J. P. Aillaud. Reeditado em 1855 e 1867.

<sup>28</sup> Lisboa: Imprensa Nacional.

ao longo dos séculos anteriores.

2. Em 1756, Jeanne Marie Leprince de Beaumont<sup>29</sup>, mais conhecida como Madame Leprince de Beaumont, publica a obra *Magasin des enfants ou dialogue d'une sage gouvernante avec ses élèves de la première distinction dans lesquels on fait penser, parler, agir les jeunes gens suivant le génie, le tempérament et les inclinations de chacun. On y represente les défauts de leur âge; l'on y montre de quelle manière ou peut les en corriger; on s'applique autant à leur former le coeur, qu'à leur éclairer l'esprit. On y donne un abrégé de l'Histoire Sacrée, de la Fable, de la Géographie, etc., le tout rempli de réflexions utiles et de Contes moraux, pour les amuser agréablement; et écrit d'un style simple et proportionné à la tendresse de leurs années*<sup>30</sup>.

Se centrarmos a nossa atenção no extensíssimo título da obra, constatamos que a autora propõe um relativamente vasto programa pedagógico, ao mesmo tempo que revela uma vontade em reunir diversos saberes: deste modo, ela parece dar resposta às expectativas da sua época e a sua obra inscreve-se assim no contexto literário e ideológico da segunda metade do século XVIII, à semelhança dos gabinetes de curiosidades, das bibliotecas e das enciclopédias, que respondem a uma necessidade de compilar e ordenar os saberes<sup>31</sup>.

Uma das originalidades do *Magasin des enfants* consiste, precisamente, na aproximação pedagógica encetada por Mme Leprince de Beaumont, que pretende oferecer uma educação moral e religiosa de maneira agradável e divertida, e no seu empenho para que as meninas não sejam afastadas do ensino

---

<sup>29</sup> Jeanne Marie Leprince de Beaumont nasceu em Rouen, a 26 de Abril de 1711. Depois de ter renunciado ao convento, onde havia cumprido dois anos de noviciado, e de um casamento não muito feliz, exerceu, durante dezassete anos, em Inglaterra, a função de preceptora de jovens *ladies*, ao mesmo tempo que foi publicando várias obras, que iam garantindo a sua subsistência. Entre estas, contam-se: *La Lettre en réponse à «merveilleux»* (1748); *Éducation complete, ou Abrégé de l'Histoire Universelle, mêlé de Géographie & de Chronologie* (1752-1753); *Le Magasin des Adolescentes* (1760); *Principes de l'Histoire Sainte, mis par demandes & par réponses, pour l'instruction de la Jeunesse, & servir de suite au «Magasin des Adolescentes»* (1761); *Le Mentor Moderne* (1772-1773); *Contes moraux* (1773) e *Nouveaux contes moraux* (1776). Casou, em segundas núpcias, com Thomas Pinchou, de quem teve seis filhos e aos quais se dedicou inteiramente. Em 1768, comprou a quinta de Chavanod, nos arredores de Annecy, na Sabóia, para onde foi viver com a sua família; aí viria a falecer, em 1780. Cf. KALTZ, Barbara (edition présentée par) (2000) — *Jeanne Marie Le Prince de Beaumont. Contes et autres écrits*. Oxford: Voltaire Foundation; e MOUGIN, Pascal et HADDAD-WOTLING, Karen (sous la direction de) (2002) — *Dictionnaire mondial des Littératures Larousse*. Paris: Larousse, p. 524.

<sup>30</sup> London: John Haberkorn.

<sup>31</sup> A necessidade de compendiar vários saberes é também expressa por Mme de GENLIS (1784), em *Annales de la vertu ou Cours d'Histoire à l'usage des jeunes personnes* (tome I, Paris: De l'Imprimerie de Lambert & Baudoin), onde a Autora reúne diversas áreas do conhecimento, que vão desde a Geografia sagrada à História da Grécia, das Artes, das Ciências e da Filosofia Antiga: «Le goût de la lecture et le désir de s'instruire sont aujourd'hui généralement répandus; mais il est presque impossible que les gens du monde et les jeunes personnes puissent lire tous les ouvrages qu'il faut connoître pour acquérir une véritable instruction». (cf. *Op. cit.*, p. 1).

das ciências. Aliás, o *Magasin des enfants* foi um dos primeiros livros destinados à educação feminina, tal como *Les Aventures de Télémaque* (1699), de Fénelon, o foi para a instrução dos rapazes, e foi mesmo utilizado para o ensino do francês no estrangeiro. Ao escrever o *Magasin des enfants*, parece-nos evidente que Mme Leprince de Beaumont tinha como objetivo compor uma obra adaptada às necessidades e às expectativas de um novo público leitor: as crianças e, muito particularmente, as meninas. Como fomentar então o gosto pelo estudo e pela leitura entre as meninas? Digna sucessora de Fénelon, a autora retoma e moderniza o conceito de «livro educativo», unindo instrução e recreação<sup>32</sup>. Mas Mme Leprince de Beaumont apresenta-se igualmente herdeira das ideias propostas por Locke, em *Some thoughts concerning education*, ao defender uma educação atenta e atraente, que não prejudicasse a natural inclinação infantil para os divertimentos<sup>33</sup>.

O *Magasin des enfants* conheceria um enorme sucesso na Europa, que se traduziu em várias edições e traduções, tornando-se, assim, num autêntico *best-seller*. Este sucesso fora do comum é devido, em grande parte, à originalidade da sua aproximação pedagógica: efectivamente, os escritos das aulas ministradas por preceptoras tornaram-se mesmo uma moda no século XVIII, divulgando assim formas de planificação de sessões de educação. Em Portugal, a obra foi editada, pela primeira vez, em 1774, dividida em dois tomos e em formato oitavo, com o título *Thesouro de meninas, ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discípulas. Nos quaes reflectem e fallão, as meninas, segundo o genio, temperamento, e inclinações de cada uma; e representando-se os defeitos da sua idade, se mostra de que modo se podem emendar. Comprehende tambem esta obra um compendio da Historia Sagrada, da Fabula, e da Geographia, e alguns Contos moraes para entreter as meninas agradavelmente, sendo tudo escrito em estilo simples, e proporcionado aos seus tenros annos*<sup>34</sup>, e traduzida por Joaquim Inácio de Frias, «presbítero secular, Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra, professor de Rhetorica em Pinhel, pregador e poeta bem conhecido e apreciado no seu tempo»<sup>35</sup>. A obra conheceu uma receção extraordinária, que se traduziu em sucessivas reedições: até 1837, contou com mais oito edições, sendo a última que se conhece de 1883.

No prólogo, que clarifica o travejamento fundamental do texto, o tradutor confessa a sua imensa admiração pela obra, considerando-a como inspiradora da virtude, esclarecedora do «espírito da gente moça» e útil ao Estado na formação

<sup>32</sup> Mme de Genlis procederá da mesma forma no seu *Théâtre d'Éducation* (1779-1780).

<sup>33</sup> Cf. LOCKE, John — *Op. cit.*, p. 95-98.

<sup>34</sup> Lisboa: na Régia Officina Typographica. Utilizamos a seguinte edição: Lisboa: na Typographia de José Baptista Morando, 1852.

<sup>35</sup> Inocêncio Francisco da SILVA (1973) - *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo IV, Lisboa: IN, 87-88.

de cidadãos ilustres<sup>36</sup>. Na sua opinião, este deveria ser o primeiro livro a ser dado a uma menina (e até mesmo a um rapaz) que desejasse aprender as letras, como sucedia em Londres ou em Paris, ao invés de submeter as crianças à aprendizagem de outros saberes, que poderiam não ser os mais adequados:

*Desejo que com este pequeno serviço veja eu daqui em diante sabir das primeiras escolas meninos, ainda tenros nos annos, mas provecctos na virtude, e livres daquelles prejuizos, com que os pais, amas, e mestres lhes desordenavão o cérebro, e que, se não acabavão com elles, ao menos custavão muito a desarraigarse-lhes na idade madura<sup>37</sup>.*

A composição da obra foi influenciada diretamente pela prática pedagógica da autora<sup>38</sup>: efetivamente, foi composta em francês para que as discípulas inglesas de Mme Leprince de Beaumont aprendessem esta língua e, simultaneamente, «emendassem os seus defeitos, fizessem habito da virtude, e enriquecessem os seus entendimentos com aquelles principios que são dados a taes idades», o que, segundo Joaquim Inácio de Frias, a autora faz magistralmente, na medida em que «entrelaçando os contos moraes com a Historia Sagrada, a Fabula, e a Geografia, veio por este meio a entreter as suas discípulas; a fazellas dóceis, obedientes, virtuosas; a dar-lhes um glorioso desejo de saber, e a instruilhas<sup>39</sup>. Uma das maiores qualidades desta obra residiria precisamente na utilização de contos com laivos de maravilhoso, fábulas e histórias e na clara diferença que a autora estabelecia entre eles, pois o uso dos primeiros «podia ser nocivo, se Madame Leprince de Beaumont não ensinasse a suas discípulas, e por consequencia aos que quizerem aproveitar-se deste trabalho, a differença que há de conto a fabula, e desta a historia; com o que ficão os meninos capacitados que um conto é uma cousa fingida, para entreter a gente moça», prevenindo, assim, «que lhes possa sobrevir o mesmo damno que dos contos das amas, que só servem de perturbar-lhes a imaginação, e fazer-lhes conceber medo de cousas que de si são indiferentes<sup>40</sup>. Deste modo, a sua leitura levá-los-ia a «criar horror ao vicio» e «aquellas acções que nelles se lhes fizer olhar como más», fazendo-lhes «amar a virtude, perder os máos hábitos, e despir os prejuizos, que beberão

<sup>36</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», V.

<sup>37</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», VII.

<sup>38</sup> Segundo Barbara KALTZ, Madame Leprince de Beaumont ter-se-á também inspirado na obra inglesa *The Governess or Little female academy*, de Sarah Fielding, editada em 1749 (cf. BEAUMONT, Jeanne Marie Le Prince de. *Contes et autres écrits* — *Op. cit.*, p. 33).

<sup>39</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», VIII.

<sup>40</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», VIII-IX. Já Fénelon alertava para o facto de as crianças gostarem muito de contos «ridículos» (cf. FÉNELON — *Op. cit.*, p. 55).

com o leite»<sup>41</sup>.

Deste modo, o tradutor português considera esta obra o

*livro mais próprio que se tem feito para as primeiras escolas; e ainda que haja outros muitos para o mesmo fim, não contém os princípios que neste se achão; porque ha uns que só tratão dos princípios da nossa Religião; outros, que contém alguns factos da Historia Antiga; outros da Sagrada; porém nenhum, que ao mesmo tempo inclua a Historia da nossa crença, e analyse a Fabula, e a Geografia, misturando-lhes, além dos contos moraes, vária noticia da antiguidade, e o conhecimento de muitos fenomenos, e causas fysicas; que tire os prejuizos da infância; que faça discorrer livremente os meninos; que lhes interne mais no coração o amor da Divindade, o aborrecimento ao vicio, o respeito dos pais, e superiores, e a humanidade para com os seus inferiores; e que em fim mais lhes ensine a serem cidadãos honrados, e Christãos esclarecidos, e perfeitos*<sup>42</sup>,

tornando-se assim numa espécie de «panaceia» para os males que, segundo se crê, eram causados pelas amas de leite e por outras pessoas indevidamente preparadas, com as quais as crianças conviviam desde tenra idade. A forma de impedir que as crianças sofressem esses «danos» consistia, portanto, em receber «os mais sólidos principios para viverem christã, e civilmente, sem hypocrisia, e fanatismo», aprendendo

*a conhecer a Deos, e os seus attributos; o amor que lhe devem, e ao próximo; a obediencia, e respeito aos pais, mãs, e superiores; as relativas obrigações, que prescreve o Direito Natural, tanto para com os que lhes são superiores, como para com os que lhes estão sujeitos; e isto não com razões metafysicas, mas por factos certos, e tirados da Historia Sagrada. Ensina mais este precioso livro aos meninos a darem liberdade aos seus discursos, e a reflectir rectamente; e como nós naquellas idades fazemos mil perguntas, nascidas da nossa admiração, estas mesmas se achão nestes Dialogos com aquella simplicidade, e singeleza, que produz o pouco uso do mundo; e como Madame Leprince sabia que um menino pôde aprender muito, se se lhe responde a tempo, e prudentemente, não deixa pergunta alguma sem a sua resposta natural, e clara*<sup>43</sup>.

No final do prólogo, Joaquim Inácio de Frias recomenda a leitura desta

<sup>41</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», IX. Julio CARO BARRERO (1978), em *Las formas complejas de la vida religiosa*, Madrid: Akal, p. 489-493, aponta também que a transmissão de ideias morais e religiosas através do aleitamento era uma crença comum.

<sup>42</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», X-XI.

<sup>43</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», IX-X.

obra aos pais, amas e mestres para que aprendam «o verdadeiro segredo da educação», na medida em que este lhes mostra «em que deve consistir a ternura, e indulgencia para com os filhos, alumnos, e discípulos»<sup>44</sup>.

Logo a seguir ao prólogo, o leitor depara-se com um outro paratexto, intitulado «A Hospedaria das Tres-Coroas em Londres, ou Noticia acerca de Madame Leprince de Beaumont»<sup>45</sup>, onde é narrada uma história que tem como protagonista uma jovem órfã, educada num colégio e cuja mestra faleceu (e que mais não é do que a própria Madame Leprince de Beaumont), deixando-a assim desamparada. Esta jovem busca então em Londres, em 1748, uma colocação como substituta num colégio: porém, vê malogradas as suas tentativas, pois consideravam-na muito nova para assumir tal função, mostrando-nos assim que a escolha para o cargo de professora em colégios, mesmo quando substituta, ou de preceptora, quando se tratava de educação doméstica, obedecia a um certo padrão estereotipado, seleccionando mulheres que não fossem nem muito jovens nem muito velhas, mas que tivessem experiência suficiente para que lhes fosse confiada a educação das crianças. Contudo, surge um inquilino da hospedaria que, conhecendo a faceta de escritora de Madame Leprince de Beaumont, pelo facto de esta ter oferecido «a el-rei de Polónia um romance, que compozera, e que intitulara: - O Triumpho da Verdade», promete ajudá-la: deste modo, apresenta-a a uma *lady*, «que a recebeo com toda a afabilidade», e veio assim a confiar-lhe a educação das filhas<sup>46</sup>.

Formado por vinte e nove diálogos, repartidos por vinte e sete jornadas, o *Thesouro de meninas* adota assim o diálogo como forma literária, na sequência de uma tradição oriunda da Antiguidade clássica que, como é sabido, foi revalorizada pelos humanistas e cujas funções são sobretudo duas: conferir persuasão aos argumentos apresentados e permitir aos interlocutores adquirirem engenho, pois mostram o seu valor, põem-no à prova e fortificam-no com a troca de ideias que se gera<sup>47</sup>.

As personagens intervenientes nestes diálogos são oito: Bonna, a sábia aia de Sensata, e sete meninas aristocratas, com personalidades muito diferentes: Sensata

<sup>44</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, «Prologo do Traductor», XI.

<sup>45</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, XIII-XIX.

<sup>46</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, XVII-XVIII. Sobre o papel desempenhado pela figura do preceptor, no âmbito das práticas educativas da nobreza francesa do Século das Luzes, veja-se ROCHE, Daniel (1988) — *Le précepteur dans la noblesse française: instituteur privilégié ou domestique? In Problèmes de l'Histoire de l'Éducation. Actes des seminaires organisés par l'École française de Rome et l'Università di Roma – la Sapienza*. Rome: École française de Rome, p. 13-36.

<sup>47</sup> Outras obras, publicadas em Portugal, e que se inscrevem também no filão da denominada literatura de comportamento social adoptam igualmente a forma dialógica como técnica discursiva, como, por exemplo, a de MORGANTI, Bento (1758) — *Tardes de Mayo ou Tardes de Passeyo, passadas em conversação erudita para servir de instrução à mocidade portuguesa e de introdução a Geografia reduzidas em forma de dialogo*. Coimbra: Oficina de Joseph da Costa.

e Espirituosa, de doze anos, Mary, de cinco, Carlota e Molly, de sete, Babiolla, de dez, e Altiva, de treze. Desde logo, o nome de algumas das personagens aponta para alguns dos traços que definem o seu carácter ou a sua conduta: o nome da aia, Bonna, prende-se não só com as suas qualidades exteriores, como também com as suas virtudes; o de Sensata, com a sua prudência, temperança, discrição e bom senso, mercê dos ensinamentos e dos valores inculcados pela sua aia; o de Espirituosa, com a sua loquacidade e amor pelos livros e pela leitura; o de Babiolla, que parece remeter-nos para o vocábulo francês *babiole*, que significa «brinquedo de crianças», com o seu gosto pelas bonecas e desprezo pela instrução; o de Altiva, com a sua arrogância e jactância, devidas à sua condição social.

As aulas ministradas pela aia a suas discípulas tinham lugar normalmente à tarde, quando Sensata, em cuja casa aquela assumia a sua função, recebia as suas amigas para juntas usufruírem das lições. A aia assume, nesta tarefa de formação, um papel de professora compreensiva, consciente e companheira e não de mestre severo, não se falando em momento algum de castigo, pois a consciência da própria culpa é uma censura suficiente para a discípula<sup>48</sup>. A sua paciência, brandura, limpeza, vigilância e inteligência são assim as suas principais qualidades e ao longo da obra é evidente a tentativa de fazer refleti-las, à semelhança de um espelho, nas meninas ao seu cuidado<sup>49</sup>.

Como já atrás referimos, os contos<sup>50</sup> fazem parte do ordenado programa de

<sup>48</sup> A influência de Locke é, aqui, evidente. Locke pretendia, acima de tudo, fazer nascer a auto-disciplina nas crianças para que, quando fossem mais velhas, continuassem a desenvolver um comportamento honesto e virtuoso. Daí a sua desconfiança relativamente aos castigos e às recompensas, não só porque eram agentes perversores do valor intrínseco das condutas, mas também porque tinham uma ação temporal muito limitada. Na sua opinião, a melhor forma de se conseguir o desejado objectivo era educá-las sob o princípio da honra, inspirando-lhes o desejo da reputação e o horror da infâmia (cf. LOCKE, John — *Op. cit.*, p. 69-74). Todavia, Locke não afastava totalmente o castigo corporal da sua pedagogia (cf. *Op. cit.*, p. 63-66). O papel da aia na tarefa de formação, neste caso concreto, dos meninos nobres, é objeto de tratamento na obra *A aia vigilante ou reflexões sobre a educação dos meninos desde a infância até à adolescência* (Lisboa: na Oficina de Antonio Vicente da Silva, 1767), de Joanna Rousseau de VILLENEUVE, dedicada à condessa de Oeiras, de quem se elogia o exemplo de formação dada aos filhos, sendo que a compostura e a deferência têm de constituir o pano de fundo sobre o qual o menino nobre vai aprendendo a interagir em sociedade, pelo que não é benéfico exercer demasiadas repreensões pela falta a algumas regras de cortesia, se o erro derivar de uma inadvertência, mas se for consequência do mau génio ou soberba tem de ser exemplarmente censurado. Esta tarefa de formação caberá principalmente às aias dos meninos nobres, sendo a elas que primeiro se dirige a obra e, só depois, aos pais das crianças. O papel da aia é tanto mais importante quanto se acredita no poder da educação para transformar a própria natureza. Na verdade, todo o processo de formação assenta na tentativa de combater a desordem dos instintos, levando a criança a racionalizar as atitudes. Na escolha da aia deverão os pais agir com grande cautela, atendendo não só a qualidades físicas, mas também morais e intelectuais. Veja-se TERRA, Ana Lúcia Silva (2000) — *Cortesia e Mundanidade: Manuais de civilidade em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, (texto policopiado). Coimbra, vol. I, p. 129-131.

<sup>49</sup> FÉNELON (cf. *Op. cit.*, «chapitre XIII: Des gouvernantes», p. 130-138) e ROLLIN (*Op. cit.*, tome III, «chapitre IV: Du devoirs des précepteurs», esp. 341-342) abordam este tema das qualidades necessárias a uma aia competente.

<sup>50</sup> Segundo Maria Teresa CORTEZ (2001), a feição formativa do livro de Mme de Beaumont contribuiu generosamente para a adesão entusiástica que os seus contos mereceram em Portugal, em contraste com a receção

estudos que Madame Leprince de Beaumont propõe<sup>51</sup> e funcionam, segundo Sophie Latapie<sup>52</sup>, como um dispositivo pedagógico integrado. Recorrendo a esta metodologia, a autora, através da personagem Bonna, tem como objetivo educar as alunas para uma leitura consciente e competente, o que se revela uma tarefa particularmente ambiciosa. A aia tem, contudo, consciência de que essa empresa tem que ser realizada progressivamente, por etapas. Nesse sentido, a educação para a leitura passa, em primeiro lugar, pela sedução deste jovem público-alvo: assim, é necessário que a criança adquira o gosto pela leitura e pelo estudo.

Em cada jornada, Mademoiselle Bonna, modelo de sábia aia cristã, dá o seu parecer sobre as acções e as conversas das suas jovens discípulas, leccionando lições de Geografia, Física, Astronomia, História sagrada, propõe-lhes contos: são, deste modo, pequenas «recreações filosóficas», adequadas à idade e ao estatuto social das meninas. Aliás, o leitor pode notar uma evolução ao longo da obra: com efeito, as jornadas da «primeira» e da «segunda» partes, que constituem o tomo primeiro, nas quais os contos ocupam um lugar de destaque, são muito mais divertidas que as que compõem a «terceira» e a «quarta» partes, ou seja, o tomo segundo. Deste modo, a evolução das alunas de Bonna, ao longo das várias jornadas, patenteia a progressão da obra e é visível também na seleção e na ordem dos contos e das outras matérias. De facto, a ordem dos contos parece obedecer à construção progressiva de um leitor ideal, na medida em que vão conduzi-lo ao interesse pelo estudo e pela leitura e, posteriormente, à leitura crítica. No conto «Beltha e Ledronetta» encontramos o modelo de leitor ideal, incarnado por Ledronetta:

*Torna a pedir mestres, applica-se á lição, faz reflexões sérias sobre o que lê, e em pouco tempo se vê uma moça de merecimento. Quando se via obrigada a acompanhar sua mãe aos adjuntos, punha-se sempre ao pé das pessoas em quem percebia juízo, e discurso: fazia-lhes varias perguntas, e conservava todas as cousas que lhes devia dizer. Tomou tambem o habito de as escrever, para melhor*

---

tardia e mais reservada dos contos de Perrault. Curiosamente, no livro *Contos de fadas*, as *Histoires ou contes du temps passe* foram traduzidas sem as moralidades finais. Apesar disso, devem ter tido boa aceitação, que justificou uma segunda edição do volume em 1841, uma terceira em 1851 e uma quarta em 1860. De qualquer modo, a cruzeta de alguns dos contos deve ter inicialmente contribuído para uma atitude de rejeição, que, aliada a outros factores, poderá explicar a entrada tardia de Perrault em Portugal. Cf. *Os Contos de Grimm em Portugal. A Recepção dos «Kinder-und Hausmärchen» entre 1837 e 1910*. Coimbra: MinervaCoimbra/Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos/Universidade de Aveiro, p. 51-52.

<sup>51</sup> Aliás, estes contos parecem ser reservados exclusivamente para a instrução feminina, pois se tomarmos em conta uma outra obra de Mme Leprince de Beaumont, *Le Mentor moderne* (1772-1773), direccionada para a educação masculina, concluímos que estes foram daí excluídos. Em *Le Mentor moderne* são a História antiga e a Geografia, ao lado do Latim e da Mitologia, que ocupam um lugar de primazia no âmbito da educação masculina.

<sup>52</sup> LATAPIE, Sophie (2003) — *Un dispositif intégré. Le conte dans Le Magasin des Enfants de Mme. Leprince de Beaumont. «Féeries»*, nº 1, p. 125-143.

*se lembrar dellas; e aos dezeseite annos fallava, e escrevia tão bem, que todas as pessoas de merecimento tinham gosto de a conhecer, e de conservar com ella um commercio de letras*<sup>53</sup>.

A aia Bonna pretende assim conduzir as suas discípulas para que estas alcancem este ideal. Esta ideia é, aliás, desenvolvida no diálogo XXVIII, a propósito de uma animada discussão acerca da leitura, entre Altiva, Espirituosa e Bonna:

ALTIVA — *Segundo o que vejo, sois muito amiga de ler?*

ESPIRITUOSA — *Estimo mais a lição, do que tudo o que ha no mundo, e em sua comparação não é nada para mim a opera, o baile, e o passeio: não me importaria mesmo estar mettida em uma prizão, se me dessem livros, em que sempre estivesse lendo.*

ALTIVA — *Eu não sou da vossa opinião, e vos confesso que nunca pude ler: e se não fosse por obedecer à senhora Bonna, nunca leria. No principio ainda me custava isto mais; e ainda que agora me desgosta menos, sempre conheço em mim que nunca hei de gostar da leitura tanto como vós dizeis: parece-me que isso é um desatino.*

BONNA — *Tendes razão, menina, e na realidade é isso uma especie de loucura. Eu fui como a senhora Espirituosa, quando era da sua idade, e ainda hoje não sou a esse respeito mais comedida; mas confesso que o querer ler com tal excesso, é um defeito; porém ainda o é muito maior não querer absolutamente abrir um livro. É este o defeito das nescias; e se eu o tivesse, procuraria emendar-me delle, occultando-o com toda a vigilância, com o receio de me terem por estúpida.*

ALTIVA — *Mas de que serve ser inclinada á lição?*

BONNA — *Para mil cousas, querida; pois quem lê instrue-se, emenda-se, occupa-se; e, como disse Espirituosa, uma pessoa applicada não tem motivo para se enfadar em um deserto, ou em uma prizão. Além disto o tempo que se gasta com os livros é mais bem empregado do que aquelle que se perde com o jogo, e com os espectáculos*<sup>54</sup>.

Assim, o bom leitor é aquele que lê com moderação, sabendo tirar partido das suas leituras, sem esquecer o seu espírito crítico, enquanto que um leitor excessivamente «apaixonado» não saberia ser assaz objetivo para permanecer crítico.

Ao longo da obra, vão também surgindo referências às leituras feitas pelas

<sup>53</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 220-221.

<sup>54</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 303-304.

alunas: Espirituosa leu a *vida* de Alexandre Magno, escrita por Quinto Cúrcio<sup>55</sup>, e a de Pedro, o Grande, imperador da Rússia<sup>56</sup>; Sensata leu um livro de viagens<sup>57</sup> e a *vida* de Dionísio, tirano de Siracusa<sup>58</sup>; Bonna emprestar-lhes-á a *vida* de Carlos XII, rei da Suécia, quando elas acabarem de ler Rollin<sup>59</sup>. Deste modo, tendo em conta estas orientações de leitura, parece-nos possível afirmar que as *vidas*, devido ao seu carácter formativo e exemplar, continuam a ocupar um lugar privilegiado enquanto instrumento de educação das crianças, prolongando assim uma tradição que remonta à Antiguidade clássica.

Os contos de cariz pedagógico incluídos no *Thesouro de meninas* são doze: alguns são uma adaptação de histórias do Antigo Testamento, outros são contos morais<sup>60</sup>.

Retomando as propostas de Fénelon<sup>61</sup> e de Rollin<sup>62</sup>, que defendiam uma osmose entre os contos e a moral, tirando assim partido da ficção, e tendo em vista inspirar o gosto pela religião entre as crianças e o ensino da História

<sup>55</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 140.

<sup>56</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 120.

<sup>57</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 29.

<sup>58</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 215.

<sup>59</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 160.

<sup>60</sup> O conto moral constituiu-se como subgénero literário devido ao sucesso alcançado pela obra *Contes moraux* (1755-1759), de Marmontel, discípulo de Voltaire. Estes contos caracterizam-se, globalmente, pela estreita ligação com a realidade e pela austeridade e racionalismo de apresentação (cf. CARPENTER, Humphrey; PRICHARD, Mari (1991) — *The Oxford Companion to Children's Literature*. Oxford/New York: Oxford University Press, p. 358-360). Uma das maiores mentoras de uma escola de educação rígida que defendia a utilização de contos morais no processo educativo foi Mme de Genlis, na sua obra *Adèle et Theodore* (1783). Nesta obra, a Autora ataca os contos maravilhosos (populares ou de autor) por amoralidade e falta de veracidade, aconselhando, em vez destes, os contos morais. Ela própria foi autora de uma coletânea de contos desse tipo, intitulada *Les Veillées du Château* (1785), que teve a sua primeira tradução portuguesa eventualmente no mesmo ano, segundo RODRIGUES, A. A. Gonçalves (1992) — *A tradução em Portugal (1495-1834)*. Lisboa: IN-CM, vol. 1, p. 173. No caso português, o conto popular (fosse ele conto maravilhoso, conto de animais ou outro) continuou a não «fazer o encanto» dos educadores da época, mesmo daqueles que se mostravam mais abertos à mundividência do Romantismo. Já no século XIX, o próprio Almeida Garrett põe de lado ideais românticos quando o que está em causa é a formação dos mais novos. No seu tratado *Da educação* (1829), depois de sublinhar que as fábulas foram uma invenção dos escravos para, de forma camuflada, lançarem alguma luz de verdade no espírito egocêntrico e despótico dos grandes senhores, pergunta-se: «E por este modo, e como escravos romanos ou bobos senhoriais, é que nos havemos de apresentar às portas da vida a receber o nosso pupilo, para o guiar no caminho da experiência com subterfúgios ou fábulas e contos da carochinha? Havemos nós que professamos uma religião de razão e de verdade, que vivemos num século «experimental», de exatidão e ilustração, que habitamos esta nossa Europa de hoje, cristã, livre, ilustrada, - havemos de ensinar a nossos filhos, educar os nossos cidadãos com alegorias de pagãos e de escravos?» (ALMEIDA GARRETT (1966<sup>7</sup>) — *Da educação. Cartas dirigidas a uma senhora ilustre encarregada da instituição de uma jovem princesa*. In *Obras*. Porto: Lello, vol. I, p. 731).

Em seu entender, o «livro histórico» é o primeiro que se deve oferecer às crianças, por altura dos dez/doze anos: «Dos anais desses povos todos [da Antiguidade], dos das nações vivas, e sobre todas, da nossa própria, devemos escolher pois aquela colecção de breves histórias, anedotas ou contos morais, que, arrançados e classificados sob diversas rubricas, são a primeira parte do nosso livro histórico e formarão um como curso de moral prática» (ALMEIDA GARRETT — *Op. cit.*, p. 733).

<sup>61</sup> Cf. FÉNELON — *Op. cit.*, «chapitre VI: De l'usage des histoires pour les enfants», p. 55-62.

<sup>62</sup> Cf. ROLLIN — *Op. cit.*, tome I, p. 82-90.

sagrada, Mme Leprince de Beaumont, através da personagem Bonna, apresenta, a propósito das mais diversas situações, histórias ou contos que dão lugar a reflexões por parte das meninas, potenciando, simultaneamente, a inculcação de valores<sup>63</sup>.

Em alguns casos, os contos assumem a função de *exempla*, na medida em que as suas personagens são apresentadas como modelos que as meninas devem ou não imitar. Os «heróis» dos contos são personagens dotadas de qualidades ou de defeitos muitas vezes inerentes à própria infância: por exemplo, o príncipe Amado é acometido por uma cólera terrível quando acontece algo que vai de encontro à sua vontade<sup>64</sup>. Em contrapartida, outras personagens são particularmente virtuosas, como o caso do príncipe Fatal, que, ao viver como um miserável, cultiva a paciência e a brandura, apesar dos maus-tratos que sofre<sup>65</sup>, ou do príncipe Tity, que emprega a sabedoria para bem governar o seu reino<sup>66</sup>.

Por outro lado, é importante notar que a aia previne as meninas em relação aos «maus» contos, que, segundo ela, são os contos «tolos», patéticos e absurdos narrados pelas amas. Efectivamente, Bonna insiste no aspecto negativo destes relatos das amas, pois estes potenciam inclinações erradas entre as crianças, como se depreende do seguinte diálogo:

CARLOTA — *Eu, minha Bonna, sempre tive muito medo dos mortos, e ainda agora o tenho maior. A minha aia me dizia muitas vezes, que elles tornavão ao Mundo, e não sei quantas historias me contou a este respeito.*

BONNA — *Isso é porque a vossa aia era uma nescia, minha amiga*<sup>67</sup>,

mostrando-nos, assim, que Bonna distingue os bons dos maus contos de acordo com determinados critérios, nomeadamente os da razão e da moral.

Porém, a problemática em torno da verdade/ficção é tema de discussão na jornada XXVI, a propósito dos contos orientais:

MOLLY — *Que quer dizer Talismans?*

BONNA — *É um anel, ou um pedaço de metal, em que algum destes sábios*

<sup>63</sup> Sophie LATAPIE (2007), em *Enseigner l'Histoire Sainte à la manière des précepteurs catholiques: la pédagogie du récit d'après Madame Leprince de Beaumont*, «Revue d'histoire littéraire de la France», PUF, nº 3, vol. 107, p. 559-570, procura mostrar como os contos reunidos na obra de Mme Leprince de Beaumont são uma amostra de uma produção literária originada pela ofensiva pastoral contra-reformista, constituída por catecismos e manuais de civilidade cristãos, que tinham como objetivo fornecer as bases da educação moral e cristã às crianças e jovens.

<sup>64</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 11-30.

<sup>65</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 79-91.

<sup>66</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 62-74; 86-93; 114-127.

<sup>67</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 234.

*gravou certas letras.*

CARLOTA — *E tudo o que se diz destas creaturas elementares, e desses Talismans, é verdadeiro?*

BONNA — *Como os contos das fadas que eu vos tenho repetido, meninas; e com tudo isto tenho achado pessoas de juízo que tem a facilidade de acreditar todas estas cousas; pois tendo lido, quando moças, os Contos Árabes, e outros livros do mesmo gosto, e não havendo quem lhes advertisse que erão estes contos fabulosos, veio a perturbar-se-lhes o cerebro*<sup>68</sup>.

A problemática em torno da verdade/ficção conduz a uma outra distinção entre «histórias verdadeiras» e contos. É, muitas vezes, a discípula mais jovem, Mary, que coloca uma questão aparentemente ingénuas, mas, na realidade, complexa. Na primeira jornada, Mary pergunta qual a diferença entre história e conto: a aia responde-lhe que «historia é uma cousa verdadeira, e conto é uma cousa falsa, que se escreve ou conta, para entreter e divertir a gente moça»<sup>69</sup>. Deste modo, por meio deste «jogo» de perguntas e respostas, a aia vai confrontando as suas discípulas com as classificações por géneros literários e condu-las, impercetivelmente, a distinguir as diferenças existentes entre as diversas narrações breves em prosa.

Ao longo dos diálogos, Bonna insiste várias vezes nas diferenças existentes entre o que na época se designava «fábula» (e que, atualmente, denominaríamos «mitologia») e o conto, como ilustra esta passagem:

BONNA — *Os quatro filhos de Japhet vierão povoar um paiz, que se chamava a Grecia, de que tomarão o nome de Gregos; e como estes Gregos gostavão muito dos contos, e das fábulas, começarão a compollas de tudo o que acontecia. Devendo referir as historias, como seus pais lhas tinham ensinado, applicáo-se a compor fabulas: e eis-aqui aquella, que elles compuzerão por occasião da torre de Babel. Mas primeiro que vos conte esta fabula, devo dizer-vos, que estes Gregos erão mal inclinados: que em lugar de adorarem a Deos, adoravão os homens, e tinham uma religião extravagante. Tinha havido muitos Reis com o nome de Júpiter, dos quaes elles fizeram um Deos; e todas as boas, ou más acções, que estes Reis com o nome de Júpiter obrarão, dizião que tinham sido feitas por uma só pessoa, que era Júpiter, Rei do Ceo. Dizião tambem que os Gigantes erão uns homens muito altos; e que, não tendo uma escada para*

<sup>68</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 296-297. O exotismo do conto oriental, a maior elaboração ao nível da história, comparativamente com o conto popular europeu, e o tipo de apresentação mais concreta parecem-nos ter sido factores decisivos para o sucesso que fizeram na Europa, inclusive em Portugal, desde a tradução francesa das *Mille et une nuits*, por Antoine Galland, publicadas entre 1707 e 1717.

<sup>69</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 10.

*subirem, pegarão nos maiores montes, e pondo uns sobre outros, delles fizerão a escada. Estavão elles bem perto de chegar ao Ceo, quando Júpiter, despedindo raios, os despenhou, e pôz sobre os corpos dos que não forão mortos aquelles mesmos grandes montes, que elles ajuntarão. Percebestes agora, meninas, que esta fabula não é verdadeira?*<sup>70</sup>

Na sétima jornada, a aia volta a insistir na diferença entre fábula e conto:

MARY — *Alegres dias, senhora Bonna; quereis dizer-nos algum lindo conto de alguma magica?*

BONNA — *Não, menina; mas em seu lugar vos dirá Sensata a fabula do Labyrintho, que era uma das sete maravilhas do Mundo. Reparai com tudo, que, quando eu digo que é uma fabula, não quero dizer que não houve um labyrintho, um Minos, um Theseo, e as outras pessoas, de que fallaremos, mas sim que se misturávão varias fabulas com as acções verdadeiras daquellas pessoas*<sup>71</sup>.

A aia mostra os diferentes sentidos da fábula: relato mitológico, deformação da história, histórias compostas para o deleite, transformando os fatos reais. Este último sentido da fábula é o que mais se aproxima do conto. Enquanto os contos maravilhosos não apresentam nenhuma relação com a realidade, as fábulas, por sua vez, são, em certos casos, uma «deformação» da história.

Procurando incitar as suas discípulas à leitura e à reflexão, Bonna propõe-lhes, ao longo das várias jornadas, o estudo da História sagrada, mostrando, mais uma vez, a influência de Fénelon<sup>72</sup> e de Rollin<sup>73</sup>. O estudo da Escritura Sagrada assume, na perspectiva da aia, uma enorme importância, na medida em que

*é esta um livro Divino, que foi dictado pelo Espirito Santo, e por isso devemos lêllo, aprendello, e repetillo com um profundo respeito. Conhecereis, lendo esta bella historia, quanto Deos é grande, e poderoso, quão bom é, quanto o deveis amar, e quanto deveis reear de offendello, porque castiga os maos severamente. Lembrai-vos tambem, minhas filhas, que esta historia é a única, de que nos não é licito duvidar, porque é mais certo ser ella verdadeira, do que é certo ser dia, quando faz sol*<sup>74</sup>.

<sup>70</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 104-105. Sobre a importância da fábula na educação, veja-se ROLLIN — *Op. cit.*, tome troisième, p. 129-138.

<sup>71</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 153.

<sup>72</sup> Cf. FÉNELON — *Op. cit.*, p. 61.

<sup>73</sup> Cf. ROLLIN — *Op. cit.*, tome premier, p. 82-90.

<sup>74</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 33.

O primeiro relato é, obviamente, o do Génesis: a este propósito, Bonna explica às suas discípulas que é necessário terminarem «a aprendizagem da parte da Escritura Santa, que se chama o Antigo Testamento, e é a história de tudo o que Deos fez pelos homens antes do nascimento de Jesu Christo», antes de estudar o «Novo Testamento, isto é, a historia de Jesu Christo, em quanto andou no Mundo»<sup>75</sup>. A ordem dos relatos bíblicos é respeitada ao longo das várias jornadas e o conhecimento religioso acaba por ser adquirido no seio de uma súmula de saberes. Por exemplo, Mary narra a história da descendência de Noé e explica que «os filhos de Chão, e de Canaan, seu filho, forão para a parte do Oriente; os de Japhet ficarão ao Occidente; e os de Sem povoarão o paiz de Assur»<sup>76</sup>; no seguimento desta lição, Molly interroga Bonna sobre a localização destes lugares, dando assim esta questão lugar a uma aula sobre geografia<sup>77</sup>.

Outros relatos bíblicos dão lugar a discussões e reflexões sobre temas que vinham sendo abordados, desde há muito, pela literatura moral ou didático-pedagógica: a história de José origina um debate em torno da figura do cortesão<sup>78</sup>; a de Nemrod potencia uma discussão em torno da questão nobreza/virtude<sup>79</sup>; a de Sara conduz a uma reflexão sobre o papel que a mulher deve assumir no âmbito da economia doméstica<sup>80</sup>.

Uma outra área do saber lecionada pela aia Bonna era, como já anteriormente referimos, a Geografia. A Geografia não era, contudo, apreciada por algumas das meninas, como, por exemplo, Babiolla. Atentemos no seu comentário a propósito do seu mestre de Geografia e das suas aulas:

*(...) se fosse senhora da minha vontade, o dinheiro que havia de dar cada mez ao mestre de Geografia, o empregaria nas mais lindas cousas que houvesse; pois estas me entreterião mais do que o mestre, que me aborrece por morte*<sup>81</sup>.

Porém, as aulas de Geografia, quando dadas pela aia, eram muito mais agradáveis e «sedutoras», pois esta procurava sempre integrar as suas discípulas na conversação e no debate acerca das mais variadas matérias, que incluíam os aspectos geomorfológicos e a corografia da Europa.

O estudo da Física, que, segundo as palavras da aia, «é a sciencia das cousas naturaes, e por isso deve a sua origem à curiosidade»<sup>82</sup>, faz também parte do

<sup>75</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 196.

<sup>76</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 101-102.

<sup>77</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 102-103.

<sup>78</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 184.

<sup>79</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 180-184.

<sup>80</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 126-127.

<sup>81</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 2.

<sup>82</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 274.

programa pedagógico gizado por Mme Leprince de Beaumont. A propósito desta disciplina, não deixa de ser sugestiva a pequena discussão travada entre Bonna e Mary sobre a aprendizagem desta ciência por parte das mulheres:

MARY — *Mas, senhora Bonna, porque dissestes vós que a senhora Espirituosa ficava sabendo Fysica? Devem por ventura as mulheres saber esta sciencia? Parecia-me que era só dada aos Medicos.*

BONNA — *A palavra Fysica quer dizer uma sciencia, que ensina a conhecer todos os corpos. Logo um Fysico é um homem que conhece a natureza do ar, do fogo, da agua, e da terra, que conhece tambem os corpos humanos, e os dos animaes, as arvores, as plantas, as flores, os mineraes, e os metaes; e isto tudo podem tambem saber as mulheres*<sup>83</sup>.

Deste modo, Bonna parece pretender incentivar o estudo desta ciência entre as meninas, ao mesmo tempo que confessa o seu desejo em estudar esta ciência<sup>84</sup>. As aulas de Física envolviam sempre as meninas com exemplos concretos, evidenciando assim a influência que o experimentalismo exercia ao nível das práticas, como sucede nesta lição sobre a origem da chuva:

MARY — *Quizera saber d'onde procede a chuva?*

BONNA — *Do mar, dos rios, e de toas as aguas que há sobre a terra.*

MARY — *Zombais de mim, senhora Bonna? Como póde a agua do mar e dos rios subir ao ceo?*

BONNA (descobrimdo a cafeteira) — *Como sobe a agua desta cafeteira até á tampa, não estando mais do que meia? Dizei-me, menina, quando a agua começa a aquecer, e principalmente a ferver, não lança muito fumo? Bem; pois isso que vos parece fumo é a parte mais subtil da agua, e por isso se chama vapor. Ora o calor do sol attrahe continuamente as partes mais delicadas da agua: estas se elevão ao ar, como vapores, e o ar as sustem, quando são poucas; mas quando são em grande quantidade, não as podendo sustentar, penetrão esse mesmo ar, e cahem na terra desfeitas em chuva*<sup>85</sup>.

A influência de Newton é evidente nas aulas ministradas pela aia sobre os átomos<sup>86</sup> e sobre as marés<sup>87</sup>.

O ensino da Astronomia, ciência que, segundo a aia, «foi produzida pela

<sup>83</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 264-265.

<sup>84</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 289.

<sup>85</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 259-260.

<sup>86</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 261-263.

<sup>87</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo I, p. 283-285.

ociosidade»<sup>88</sup>, também não foi esquecido. No diálogo XXVII, Bonna e Sensata dão uma lição sobre a origem dos eclipses e recorre ao legado clássico para melhor ilustrar a sua exposição:

SENSATA — *Dizem que ha eclipse quano a Lua passa entre o Sol e a Terra.*

MARY — *Eu não percebo isso, senhora.*

SENSATA — *Eu vos conto uma historia, que talvez vo-lo faça comprehender melhor.*

*Ignorando-se antigamente qual fosse a causa dos eclipses, acreditavão os antigos que elles annunciavão sempre grandes infelicidades, e por isso tinhão muita repugnância em emprender qualquer acção em quanto duravão. Houve um capitão, chamado Péricles, que estando a embarcar para ir fazer a guerra, quando ia a entrar para o navio, appareceu um eclipse do Sol; pelo que não queria partir o seu piloto, por cuidar que infallivelmente se perderião. Péricles, que era sábio, não teve medo, e disse ao piloto que aquilo era uma cousa natural, e que a Lua, pondo-se diante do Sol, nos tirava a sua vista. Não percebendo o piloto nada disto, Péricles, já impacientado, lhe lançou a sua capa sobre a cabeça, e lhe disse: Vês-me agora? Como vos hei de ver (respondeo o piloto), se a vossa capa, que está entre nós ambos, mo impede? Ignorante (tornou Péricles), pois eis-aqui a razão porque tu não vês o Sol, e é porque a Lua está entre os teus olhos e o Sol, como o meu capote está entre mim, e os teus olhos.*

BONNA — *Entendeis agora, Mary?*

MARY — *Não, senhora Bonna; porque não percebo como a Lua se possa achar diante do Sol, e como se possa saber ao justo o instante em que ella se há de achar nesse lugar.*

BONNA — *Como o Sol está mais alto que a Lua, e esta se move, não é extraordinario que se encontrem desse modo. Ora, sabe-se determinadamente o gyro que faz a Lua, e que não se desvia nunca do seu curso ordinario, e por isso se podem predizer todos os eclipses que hão de acontecer. As pessoas que estudão as sciencias dos astros chamão-se Astronomos<sup>89</sup>.*

A História, nomeadamente a de França e a de Inglaterra, fazem também parte deste programa pedagógico, refletindo, mais uma vez, a influência de Fénelon, Locke e Rollin, que defendiam o estudo da história nacional<sup>90</sup>.

<sup>88</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 270.

<sup>89</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, tomo II, p. 268-269.

<sup>90</sup> Mme Leprince de Beaumont foi ela mesma autora de um compêncio de História Universal (que incluía também a Geografia e a Cronologia), intitulado *Éducation complete, ou Abrégé de l'Histoire Universelle, mêlé de Géographie & de Chronologie*, e que se pretendia assumir como uma alternativa à obra de Rollin, ainda que reconhecendo o seu caráter pioneiro: «En donnant au public mon traité sur l'éducation [Magasin des Enfants et des Adolescents], j'ai fait voir de quelle importance il étoit de substituer aux puérilités dont

Os conselhos respeitantes ao domínio da civilidade são também uma constante ao longo da obra. Lembramos, a título de curiosidade, o exemplo, apresentado pela aia, de Santa Mónica<sup>91</sup>, acerca da necessidade de evitar consumir bebidas alcoólicas, desde a infância, o qual é, aliás, colhido do tratado *De l'éducation des filles*, de Fénelon<sup>92</sup>.

Este *Thesouro de meninas* teve uma continuação, intitulada *Le Magasin des Adolescentes, ou Dialogues entre une sage gouvernante et ses élèves*,<sup>93</sup> publicada em 1760, que, apesar de não ter alcançado o mesmo sucesso que a sua antecessora, foi também utilizada na educação das jovens. Embora Inocêncio Francisco da Silva, no *Dicionário Bibliographico Portuguez*<sup>94</sup>, indique que esta obra foi traduzida para português, também por Joaquim Inácio de Frias, com o título *Thesouro de adultas, ou dialogos entre uma sabia mestra e suas discipulas*, e assinalando duas edições (uma de 1795<sup>95</sup> e outra de 1818<sup>96</sup>), não conseguimos localizar nenhum exemplar.

3. Em 1852, José Inácio Roquette<sup>97</sup> fazia editar, em Paris<sup>98</sup>, a obra *Thesouro de Meninas, ou Lições d'uma mãe a sua filha, á cerca dos bons costumes e da religião, autorizadas com admiraveis exemplos de virtude e de piedade*.

A obra, onde se reflete a inspiração de outras suas congéneres, nomeadamente

---

on occupe les enfants, une étude qui pût être tout à la fois utile & agréable. Quoi de peus propre à remplir les deux fins, que l'étude de l'Histoire? M. Rollin, convaincu de son utilité, n'a rien épargné pour la mettre à la portée des jeunes gens; & on peut regarder son ouvrage comme un chef-d'oeuvre. (...) Mais cette ouvrage, quelque excellent qu'il soit, n'est pas propre à tous les ages; les personnes du sexe sur-tout sont rebutées de sa longueur; & la plupart trop inappliquées pour conserver le fil de l'Histoire, ne lisent qu'avec dégoût». (cf. *Op. cit.*, La Haye, 1777, «Préface»). Contudo, é importante notar que Fénelon confere, apesar de tudo, pouca importância ao estudo da História de França, na medida em que dá mais relevância à História Grega e Romana (cf. *Op. cit.*, p. 120). Por seu lado, Rollin parece estimar mais do que Fénelon a História de França (cf. *Op. cit.*, tome II, «Livre VI»).

<sup>91</sup> Mme LEPRINCE DE BEAUMONT — *Op. cit.*, p. 99-100.

<sup>92</sup> Cf. FÉNELON — *Op. cit.*, p. 49.

<sup>93</sup> A leitura desta obra permite-nos concluir que o seu programa pedagógico centra-se, sobretudo, no estudo do Evangelho. É também importante notar que Mme Leprince de Beaumont propõe mesmo que se inclua o ensino do latim na diversidade de matérias que as raparigas devem estudar, para que estas possam, mais tarde, encarregar-se da educação dos seus filhos.

<sup>94</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da — *Op. cit.*, tomo IV, p. 88.

<sup>95</sup> Lisboa, 4 tomos.

<sup>96</sup> Lisboa, 4 tomos.

<sup>97</sup> Nasceu em Alcabideche, concelho de Cascais, em 1801. Contrariando a vontade do pai, que pretendia que seguisse a via do clero secular, Roquette abraça a vida monástica, professando, em 1821, a regra de S. Francisco, no convento de Santo António do Estoril, e adota o nome de frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquette. Com os cursos de Teologia e Moral, termina a sua formação e, em 1830, passa a trabalhar na Santa Igreja Patriarcal. Viveu em Londres e em Paris, onde se instalou em 1848. Em Paris, obteve bom acolhimento, não só do embaixador, que era então o visconde de Carreira, mas também do arcebispo de Paris, que logo lhe forneceu alguns meios de subsistência, colocando-o numa freguesia do bairro de S. Germano. As obras por si compostas, traduzidas ou coordenadas versam sobre temas de História sagrada, de espiritualidade, de pedagogia ou de comportamento social. Faleceu em 1870. Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da — *Op. cit.*, tomo IV, p. 373-374.

<sup>98</sup> V<sup>o</sup> J.-P. Aillaud, Monlon e C<sup>o</sup>, Livreries de Suas Magestades o Imperador do Brasil e el rei de Portugal.

*Avis d'une mère à sa fille* (1728), de Mme de Lambert<sup>99</sup>, e *L'école des jeunes demoiselles ou Lettres d'une mère vertueuse à sa fille, avec les réponses de la fille à sa mère* (1780), do abade Joseph Reyre, debruça-se essencialmente sobre aspetos da educação moral e religiosa e remete-nos, claramente, para uma civilidade que se quer de acordo com a doutrina católica. De facto, neste *Thesouro de meninas* há uma nítida intenção de interligar a educação moral e religiosa com a da civilidade, o que os protestantes sempre fizeram e os católicos, a partir de finais de Quinhentos e, sobretudo, de Seiscentos, vão cada vez mais utilizar. Esta obra parece coadunar-se, em larga medida, com a posição defendida por Fénelon<sup>100</sup> e Luís António Verney<sup>101</sup>, no que respeita à matéria de estudo conveniente às meninas entre os cinco e os sete anos, que deveria consistir na educação moral e matérias de civilidade.

Formado por vinte lições, o *Thesouro de meninas* adota o diálogo, tal como a obra de Mme Leprince de Beaumont, como forma literária. As personagens intervenientes são duas: a mãe, responsável pelas lições, que têm lugar em casa, e a filha Elisa, que funcionam como modelos ou figuras-tipo. Deste modo, Roquette recupera uma fórmula literária que encontramos também em outras obras pedagógicas ou de comportamento social editadas anteriormente.

O texto não apresenta um programa pedagógico, no sentido estrito do termo, mas oferece-nos um conjunto de regras de conduta ou, se preferirmos, uma espécie de catecismo moral.

A preocupação com a educação moral dos filhos não é um dado novo dos séculos XVIII ou XIX, pois, como sublinha Maria de Lurdes Correia Fernandes, esta já se fazia notar no século XVII, nomeadamente nas obras moralistas e mesmo em algumas obras de espiritualidade<sup>102</sup>, e constitui uma orientação irreversível das obras com objetivos didáticos e moralizantes.

A moral trata das obrigações, deveres e virtudes pessoais, sobre a base dos grandes princípios éticos. O seu ensino, fundado sobre pressupostos religiosos, visava a *virtude* e o *carácter*. A civilidade refere-se às virtudes e aos

99 Veja-se, a propósito, GRANDEROUTE, Robert (1987) — *De L'Éducation des filles aux Avis d'une mère à sa fille: Fénelon et Madame de Lambert*. «Revue d'Histoire Littéraire de la France», vol. 87, n° 1, p. 15-30.

100 Cf. FÉNELON — *Op. cit.*, «chapitre VII», p. 63-81.

101 Cf. VERNEY, Luís António — *Op. cit.*, p. 127-132.

102 FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1991) — *Modelos educativos do Barroco em Portugal: a «boa criação» e a «policia cristã»*. *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto, vol. I, esp. 313; Idem — *Espelhos, Cartas e Guias...* — *Op. cit.*, p. 347: «Esta valorização da educação moral infantil e juvenil e o acento na responsabilidade dos pais em, pelo menos, a iniciarem seria, ao longo do século XVII — e ainda nas primeiras décadas do século XVIII — desenvolvida e aprofundada em várias obras, nomeadamente em obras portuguesas, das quais realçamos o *Tratado da boa criação e policia cristã em que os pais devem criar seus filhos* (1633), do dominicano Pedro de Santa Maria, uma obra que, apesar de «esquecida», se revela particularmente interessante e importante». Aliás, como afirma VARELA, Julia — *Op. cit.*, p. 203, «los padres se convierten cada vez más, a través de los hijos, en instrumentos manejados por los moralistas».

comportamentos relativos à vida social e a sua aprendizagem tem como objetivo a aquisição de um conjunto de normas sociais.

Roquette escolhe, como atrás já referimos, como local de ação educativa a família, entendida aqui no seu sentido mais restrito, ou seja, como a unidade constituída, neste caso concreto, pela mãe e pela sua filha, mostrando assim a sua sintonia com as posições defendidas pelos moralistas dos séculos XVI e XVII e por certos pedagogos, tal como Locke<sup>103</sup>. Já no século XVI, o jesuíta Gaspar de Astete defendia que a tarefa de guardar e ensinar as filhas cabia particularmente às mães, porque eram estas que mantinham um contato mais próximo com aquelas e conheciam melhor as suas inclinações.

Pese embora a distância cronológica que separa a edição desta obra de Roquette da de outra dirigida à educação feminina, a *Institutio Foeminae Christianae*, de Vives, a verdade é que o modelo de mãe cristã aí proposto e, sobretudo, a insistência na sua função de educadora, mantém-se praticamente o mesmo: com efeito, «a ella corresponde, pues, el sembrar en ellos los principios de la virtud y de las letras; tendrá siempre a mano historias y fábulas apacibles y honestas con las cuales comiencen a amar la virtud y a aborrecer los vicios; cuidará de que su lenguaje sea elegante y casta, ya que ello es de gran importancia para el futuro aprendizaje de las letras»<sup>104</sup>.

Do ponto de vista temático, o *Thesouro de meninas* expõe um amplo leque de questões, propiciado pela forma dialógica, como era tradição de muitas obras do género.

Na «lição primeira», que serve de introdução à obra, funcionando assim como uma espécie de prólogo, são enunciados os motivos que levaram à redacção desta obra.

Devido à morte do marido e cumprindo uma das suas últimas recomendações, a mãe e a sua filha, Elisa, abandonam Paris e voltam para Portugal, «refugiando-se numa quinta, longe do «trato do mundo» e do «grande bulício das cidades», para que a progenitora se ocupasse exclusivamente de duas coisas: a administração de suas fazendas e o término proveitoso da educação da filha»<sup>105</sup>. Tendo sido educada em França, onde fez a primeira comunhão e frequentou o catecismo de perseverança, a mãe pretendia que a filha recebesse uma educação igual à sua. Aliás, a mãe não deixa mesmo de, veladamente, tecer uma (leve) crítica ao panorama educativo feminino português, pois, a seu ver, «pelo que toca á educação das meninas, ha ainda muito poucos recursos entre nós [portugueses], mormente a respeito da instrucção religiosa. Faltão tambem

<sup>103</sup> LOCKE, John — *Op. cit.*, p. 87-94.

<sup>104</sup> VARELA, Julia — *Op. cit.*, p. 203.

<sup>105</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 3-4.

muitos livros de agradável leitura e sã doutrina em que as meninas bebão suavemente bons princípios, santas maximas, e se instrução de cousas uteis, recreando ao mesmo tempo seu espirito com bellos pensamentos, e seu coração com affectuosos sentimentos»<sup>106</sup>.

A par dos «mestres d'istoria, litteratura, musica, desenho», a mãe assume também o papel de educadora da filha, instruindo-a não só no domínio da economia doméstica<sup>107</sup>, como defendiam Fénelon<sup>108</sup>, Rollin<sup>109</sup> e Verney<sup>110</sup>, como também em «alguns assumptos instructivos cujo conhecimento e applicação são mais frequentes na vida ordinaria e que muito importa que uma menina bem criada entenda e saiba», embora não se cinja a «nenhum plano regular e methodico, como se compozéra um livro»<sup>111</sup>. É, aliás, a apresentação de Elisa à sociedade, «onde ninguem se póde fazer respeitar senão pela virtude, polidez e boa educação», que «obriga» a mãe a tecer vários conselhos e advertências, aprovadas pelo seu «director, homem consumado em sciencia e virtude»<sup>112</sup>, tanto mais que aquela nunca saiu do «bafo maternal»<sup>113</sup>, o que nos remete, necessariamente, para a esfera da «clausura», no sentido estritamente espacial, que constitui a materialização romanesca dos limites sociais permitidos às meninas. Para justificar e fundamentar e, simultaneamente, persuadir a filha da importância da sua tarefa educativa, a mãe recorre à autoridade de Fénelon, lendo-lhe a carta que este escreveu a uma fidalga que o consultara sobre o melhor modo de educar a sua filha, que está incluída no *Traité de l'éducatons des filles*<sup>114</sup>. Mas a inspiração feneloniana está também patente na utilização, nestas lições, por parte da mãe, de «certas ficções, historias ou apologos, em que se inculca d'um modo agradável a verdade que se quer ensinar ou o sentimento que se pretende inspirar»<sup>115</sup>. Esta constituiria a segunda parte de cada lição, durante a qual Elisa poderia «trabalhar de agulha, ou a bordar», bastando que, no final,

<sup>106</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 1-2. No caso português, foram sobretudo os modelos franceses que se impuseram durante algum tempo e mereceram mais traduções e adaptações.

<sup>107</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 4-5: «Já te tenho ensinado como se governa uma casa diariamente, como se fazem certas economias sem diminuir o luzimento d'uma familia abastada; o que se consegue facilmente quando se evitão os desperdícios e se vigião os criados para que fação o seu dever; mais para o diante te iniciarei na grande administração de nossa fazendas, na comptabilidade de nossas rendas e mais negócios domésticos».

<sup>108</sup> FÉNELON — *Op. cit.*, «chapitre XI: Instructions des femmes sur leurs devoirs», p. 105-113, e «chapitre XII: Suite des devoirs des femmes», p. 114-129.

<sup>109</sup> ROLLIN — *Op. cit.*, p. 102-105.

<sup>110</sup> VERNEY, Luís António — *Op. cit.*, p. 137-142.

<sup>111</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 5.

<sup>112</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 409.

<sup>113</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 5.

<sup>114</sup> FÉNELON — *Op. cit.*, p. 139-149.

<sup>115</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 6. Veja-se também FÉNELON — *Op. cit.*, «chapitre VI: De l'usage des histoires pour les enfants», p. 55-62.

fizesse um resumo do que a mãe lhe havia ensinado e conservasse «de memória a moralidade do caso pratico»<sup>116</sup>. Por sua vez, na primeira parte de cada aula, seriam lecionados assuntos relacionados com a sociedade, a moral ou a religião, que, no dia seguinte, deveriam ser repetidos por Elisa<sup>117</sup>.

Sob o ponto de vista do conteúdo, esta obra compreende duas grandes partes: a primeira, relativa à moral e à civilidade, que vai até à lição XI; a segunda, ocupando-se de alguns aspetos da religião e da doutrina cristã, ocupa as restantes lições.

Deixando a análise da segunda parte, pois, a nosso ver, a sua importância é de interesse secundário para aqui, iremos centrar-nos na primeira parte e realçar alguns aspetos essenciais para a sua compreensão, que se prendem, fundamentalmente, com a definição de ideais de comportamento e regras de interação social, isto é, uma codificação de saberes práticos essenciais à vida em sociedade, nas suas diferentes e elaboradas formas.

Ao longo das várias lições que constituem esta primeira parte, são abordados vários temas que se inscrevem na esfera da moral, tais como a obrigação de honrar a Deus e aos pais (lição III), as obrigações dos irmãos entre si e de todos os homens aos seus semelhantes e à pátria (lição IV), a liberdade (lição V), a obrigação de respeitar o próximo (lição VI), de sofrer os nossos defeitos, não humilhar ninguém e ajudarmo-nos mutuamente (lição VII) e de não maltratar os animais (lição VIII) e a virtude (lição XI). Mas, neste contexto, assumem particular relevância as lições dedicadas à necessidade de disciplinar comportamentos e atitudes desde a infância, o que traduz, obviamente, a importância que este aspeto alcançou na época, e nas quais a mãe introduz conceitos como os de «sociedade», «civilização», «cortesia», «boa criação», «boa educação», «civilidade», «política» e «urbanidade», sempre utilizados com a preocupação de especificar a sua carga semântica, e deixando transparecer um uso consagrado dos mesmos na época<sup>118</sup>.

Na obra não faltam também as recomendações da mãe no que respeita às leituras de Elisa. Neste sentido, a progenitora aconselha à filha a leitura de duas obras que, «curiosamente», são da autoria de Roquette: o *Thesouro da Mocidade, ou A Moral em acção*<sup>119</sup> e o *Código do bom-tom, ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*<sup>120</sup>, que se inscrevem também no filão da literatura de

<sup>116</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 7.

<sup>117</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 7.

<sup>118</sup> Sobre a evolução do conceito de «civilidade», veja-se CHARTIER, Roger (1987) — *Distinction et divulgation: la civilité et ses livres*. In *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Ed. du Seuil, p. 45-86.

<sup>119</sup> Paris, 1839.

<sup>120</sup> Paris, 1845. Utilizamos a edição: ROQUETTE, J. I. (1997) — *Código do Bom-Tom*. Org. de Lília Moritz SCHWARCZ). São Paulo: Companhia das Letras. Embora tenha sido escrita por Roquette, a sua autoria é,

comportamento social, e parecem formar, a par do *Thesouro de meninas*, uma espécie de «edifício» literário direcionado para a educação infantil e juvenil.

A obra encerra com uma lição intitulada «Conselhos maternas» que, embora não sendo igual na forma literária, muito se assemelha, no conteúdo e nos propósitos, à «carta-instrução»<sup>121</sup>, texto literário que podemos considerar documento «de um nível cultural da sociedade de *Ancien Regime* ou, se preferirmos, de uma cultura que, mais especificamente, podemos dizer nobiliárquica»<sup>122</sup>. As «cartas-instrução» refletem assim um dever que todo o (bom) pai, mãe, rei, nobre ou parente chegado se sentia na obrigação de cumprir ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, em Portugal e também em Espanha, quando o seu filho herdeiro partia para o serviço real na corte ou nas armas.

Ainda que o pai de Elisa lhe tenha deixado um dote suficiente para que ela vivesse sem depender de outrem, a mãe considera que é seu dever dar-lhe alguns conselhos maternais, que, a seu ver, poder-lhe-ão ser úteis, no caso de, algum dia, Elisa necessitar de recorrer a outros meios de subsistência e, tal como outras jovens «mais nobres e ricas» que ela, se vir obrigada a educar os seus próprios filhos ou a ser «mestra de meninas»<sup>123</sup>.

Desde logo, a mãe adverte a filha que ser mestra de meninas não «é um baixo emprego; não é uma elevada missão, mas é mister desempenhá-la com devêlo e maternal afecto»<sup>124</sup>. Neste sentido, a mãe dá-lhe alguns conselhos que dizem respeito ao correto comportamento de uma preceptora:

*é mister que appareça sempre no meio de suas discípulas com rosto sereno, ar desassombrado, e brandura nas palavras; ha de muitas vezes engulir as lagrimas, desfranzir o rosto seu máo grado, abrir um sorriso involuntário, impor silencio ao amor proprio, abafar a ira, armar-se de constante paciência para poder inspirar-lhes confiança e desenpenhar com fructo a missão de mestra. É necessario outrossim estar attenta a suas perguntas, responder a propósito ás que são uteis e acertadas; finalmente esquecer-se de si mesma para só se occupar das educandas que estão a seu cargo*<sup>125</sup>.

---

contudo, atribuída a um bom pai, um aristocrata que saíra de Portugal em 1834, quando, depois de ter perdido a esposa, resolve educar os dois filhos, Teófilo e Eugénia, em Paris. Depois de passar dez anos nessa cidade, Teófilo e Eugénia preparam-se para voltar a Portugal e é nesse sentido que o pai considera como seu dever dar-lhes alguns conselhos relativos à civilidade e à cortesia, exigidos nas diversas situações de convívio social.

<sup>121</sup> Veja-se, a propósito, CARVALHO, José Adriano de Freitas (2009) — *Pais e nobres I - Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (séculos XVI-XVIII)* e *Pais e nobres II - A descendência portuguesa de um texto célebre: a «Instrucción» de Juan de Vega a seu filho Hernando de Vega (1548)*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade.

<sup>122</sup> CARVALHO, José Adriano de Freitas — *Op. cit.*, vol. II, p. 317.

<sup>123</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 410.

<sup>124</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 410.

<sup>125</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 411.

A mãe recomenda também a Elisa que, se algum dia as tiver, ame as suas discípulas e saiba persuadi-las de que o seu amor é verdadeiro; contudo, adverte-a de que

*esta afeição torna mais penosa a falta de submissão da parte d'outras, mas ella lhes facilita grande gozo e contentamento quando vêem seus progressos e coroados de bom êxito os desvelos com que se applicarão a seu aproveitamento*<sup>126</sup>.

A progenitora chama também a atenção para a importância de dar às discípulas uma sólida educação moral, a qual se deve «estribar num principio immudavel e permanente, a cima da fraqueza humana, e este não póde ser outro senão a religião»<sup>127</sup>, na medida em que *a mestra e a discípula têm nisto igual interesse; a mestra, porque seu trabalho se torna mais facil; a discípula, porque as lições de virtude que receber em sua infância serão seu conselho e sua fortaleza em todas as circumstancias da vida*<sup>128</sup>, sublinhando, adiante, que é «para obedecer a Deos, que quer que todos seus filhos o conheção, amem e alcancem por uma vida virtuosa a recompensa eterna que lhes destina» que a preceptora está «encarregada de as instruir, de as corrigir de seus defeitos, de lhes ensinar e evitar as faltas em que cairião se uma mão protectora as não sustivera e dirigira»<sup>129</sup>.

A preceptora competente deve também esforçar-se para que todas as matérias ensinadas sejam úteis, aproveitando «todas as occasiões que se offerecem para instruir suas discípulas e lhes ensinar, desde sua infancia, a ler nas admiraveis paginas do grande livro da natureza, cada uma das quaes encerra grande e sublime doutrina. Um passeio assim dado será mais util que um dia de estudo, e não causará menos prazer áquella que o souber bem dirigir»<sup>130</sup>.

De acordo com a mãe, a preceptora poderá também

*servir-se de outro meio, igualmente facil e simples, para instruir suas discipulas, e de que ellas gostarão muito; consiste elle em contar-lhes algumas historias, não como os contos das velhas, mas com graça e verosimilhança, e contendo alguma moralidade que ellas entendão facilmente e de que possam fazer applicação a si mesmas*<sup>131</sup>.

---

<sup>126</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 413.

<sup>127</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 413-414.

<sup>128</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 414.

<sup>129</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, 414-415.

<sup>130</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 418-419.

<sup>131</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 419.

A mãe termina as suas «instruções» com a seguinte recomendação:

*Se assim procederes, como certamente espero, ver-te-has cercada de veneração, de carinhos e de reconhecimento; teu espírito será sereno nas alternativas da vida, e teu coração transbordará da deliciosa satisfação que nos causa a certeza de havermos feito nosso dever, e poderás dizer com verdade: Quando trabalhámos em felicitar nossos semelhantes fazemos nossa propria felicidade<sup>132</sup>.*

4. Como tentámos mostrar, a crescente importância que a problemática em torno da educação feminina foi alcançando, motivada pelos discursos de humanistas e de pedagogos, possibilitou a emergência de uma literatura destinada a meninas. No caso português, esta literatura surge na segunda metade do século XVIII, por influência francesa, com a publicação da obra *Thesouro de Meninas*, de Mme Leprince de Beaumont, e conhecerá uma relativa expansão ao longo dos séculos seguintes, traduzida não só na edição de obras de autores portugueses, como também na tradução de obras estrangeiras. Através da análise das obras propostas, procurámos mostrar que, para além dos seus propósitos pedagógico-didáticos, morais e religiosos, estas propõem também matrizes comportamentais que as meninas, desde cedo, deviam adotar e praticar, permitindo assim inscrevê-las no filão da literatura de comportamento social.

Pese embora a distância cronológica que separa a edição das duas obras de que nos temos vindo a ocupar das de pedagogos e moralistas anteriores, tais como Vives, Fénelon, Locke, Rollin, Verney ou Ribeiro Sanches, estas são, afinal, devedoras de muitas perspectivas que aqueles haviam acentuado.

Por outro lado, ainda que a obra de Mme Leprince de Beaumont proponha o ensino às meninas de determinados saberes, tais como a Física e a Astronomia, abrindo-lhes assim a porta à área que hoje diríamos mais «científica» face às «humanidades», e que estaria reservada para os homens, a verdade é que esta abertura aos paradigmas da «Filosofia Moderna» não significa um conhecimento profundo destas disciplinas, pois, efetivamente, parece-nos mais fruto da influência do enciclopedismo da época e da divulgação desses saberes. Mas é também importante realçar que a função ensinadora que esta literatura comporta, tendo como destinatários imediatos as meninas, mas também os preceptores e os pais, está alicerçada sobre os pilares de uma moral fundada sobre os pressupostos da religião e não de uma moral social, defendida pelos filósofos das Luzes, ou de uma laicização, que já se fazia notar em alguma literatura direcionada para o sexo feminino<sup>133</sup>.

<sup>132</sup> ROQUETTE, J. I. — *Op. cit.*, p. 427.

<sup>133</sup> Como, por exemplo, na obra *Avis d'une mère à sa fille*, de Mme Lambert, onde se reflecte a influência dos estóicos, sobretudo de Séneca e de Marco Aurélio.

Apresentando as suas ideias sob a forma de ficção, que privilegia a educação doméstica ou o quadro familiar, Mme Leprince de Beaumont e Roquette parecem assim pretender mostrar às meninas a cena doméstica, onde desabrochariam as suas qualidades de mães e perfeitas esposas cristãs, ou seja, o papel que a sociedade tradicionalmente lhes destinava. De facto, esta literatura parece ter contribuído para a formação de um paradigma feminino, ainda que infantil ou juvenil, cuja formulação mais conhecida será, talvez, a da *petite fille modèle*, ou seja, a obediente e piedosa menina que todas as outras devem admirar e imitar, introduzida, no século XIX, pela condessa de Ségur, com a obra homónima.

Por tudo isto, parece-nos que os itinerários pedagógicos atrás apresentados configuram, na globalidade, um modelo de educação essencialmente religiosa, pautado pelo recato e pela modéstia, que comporta a abertura a alguns saberes considerados elementares para o sexo feminino, mas enquadrando-os numa abrangente matriz devota como padrão de conduta.

Artigo recebido em 18/05/2011

Aceite para publicação em 26/06/2011